

A Escola de Samba como Lição de Processo Museal

Mário Chagas*

Resumo

O que existe em comum entre o Carnaval e o mundo dos museus? Esta é a pergunta que serviu de mote para o artigo desenvolvido pelo poeta e museólogo Mário Chagas. Além de salientar que uma escola de samba deve ser vista como um espaço de preservação de nossas raízes culturais, Chagas aponta três componentes vitais do universo museológico contidos em todas as escolas de samba: o lugar social, a comunidade local e o patrimônio cultural. Enfim, reconhecer a relação entre o popular e o erudito abre caminhos para um melhor entendimento de nossa cultura, permitindo enfoques mais criativos e originais.

 Instituto
Virtual de
Turismo
www.ivt-rj.net



Laboratório de Tecnologia e
Desenvolvimento Social



 FAPERJ
Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo
à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

Introdução

"Carnaval...

A baiana se foi na religião do carnaval

Como quem cumpre uma promessa."

Mário de Andrade

"Ide, Bacantes! Ide, Bacantes! Trazei o
Brômio, deus de deus filho, Dioniso.

Trazei-o das montanhas frígias para as
praças amplas de Hélade, onde é bom
dançar."

Eurípedes

Museus como o Museu da República,
o Museu Histórico Nacional e o Museu do
Primeiro Reinado realizaram exposições sobre
temas carnavalescos, em épocas diferentes,
com material produzido e utilizado por
diferentes escolas de samba do Estado do
Rio de Janeiro.

Nos anos 80, o Museu do Primeiro
Reinado realizou exposições de curta
duração e projetos educativo-culturais com
as comunidades do G.R.E.S. Estação Primeira
da Mangueira, do G.R.E.S. Unidos do
Salgueiro e do G.R.E.S. Unidos de Vila Isabel.

Entre 1991 e 1995, o Museu Histórico
Nacional realizou, por iniciativa de sua
equipe e com apoio das comunidades das
escolas de samba Unidos da Tijuca e
Imperatriz Leopoldinense, três exposições de
curta duração.

Em 1996, o Museu da República
inaugurou a exposição de longa duração
denominada "A Ventura Republicana" e
incorporou ao seu acervo uma fantasia de
baiana do G.R.E.S. Mocidade
Independente de Padre Miguel. Em 1997, a
equipe do Museu realizou uma exposição
de curta duração com o G.R.E.S. Porto da
Pedra, com o tema "No reino da fantasia
cada louco com a sua mania".

Como se pode explicar o interesse de
museus considerados tradicionais, de origem
elitista e oligárquica por um tema tão popular
como o carnaval? Como isso se dá? Quais

as diferenças e as semelhanças entre o
processo museal e o carnaval?

Inicialmente, é preciso considerar que
o mundo dos museus está em transformação
acelerada e que diversas são as tendências
museológicas em jogo. Por outro lado, os
museus são feitos por pessoas e submetidos a
determinadas conjunturas históricas
mutáveis, são a resultante vetorial de
interesses diversos e de orientações
ideológicas variadas. De outro modo, os
museus, pelo menos os aqui citados, não são
ilhas do passado no oceano do presente e
também não são projetos homogêneos ou
blocos compactos de valores socioculturais.
Ao contrário, eles são microcosmos sociais e
apresentam diversas tendências políticas e
diversas linhas de força. Reconhecê-los como
microcosmo social implica o entendimento
de que é perfeitamente possível que, em
determinado momento, uma tendência
política se afirme no museu como um projeto
de caráter hegemônico, mas isso não elimina
as fissuras e as brechas.

Alguns agentes museais, percebendo
essas fissuras e brechas, ou mesmo o vazio
gerado pelas dobras institucionais,
desenvolvem projetos de resignificação do
patrimônio cultural articulado com a
construção da cidadania e da transferência
de tecnologia de valorização e preservação
de representações de memória, para setores
da sociedade tradicionalmente excluídos
dos processos museais. Em meu
entendimento, as experiências
desenvolvidas nos museus citados
encontram-se nesse caso. Elas constituem
referências importantes, indicam a
pertinência e a possibilidade dos museus
trabalharem com as tradições populares e
com a memória das camadas sociais não
privilegiadas na formação de seus acervos,
mas elas ainda não configuram uma
alteração de mentalidades ou a efetiva
adoção de novas práticas.

* Poeta e museólogo. Pesquisador do IPHAN e professor da UNIRIO. Mestre em Memória Social e Documento, doutorando em Ciências Sociais (PPCIS/UERJ).

Ainda que isso não agrade aos que querem, a qualquer preço, implantar no Brasil um modelo de civilização estrangeira, globalizada segundo a ótica do colonizador e adoradora dos valores de fé primeiro mundistas, o povo brasileiro é negro, é índio, é branco, é cafuzo, é mestiço, é caboclo, é mameluco, é moreno e muito mais. Com seu jogo de cintura, com a sua capacidade épica e com sua alegria revolucionária, o povo brasileiro parece ser resistente. A força do carnaval reside, segundo penso, nessa potência épica da tradição popular.

O interesse e o gosto pelo carnaval são chaves importantes para o entendimento da originalidade, da musicalidade e da criatividade de boa parte dos brasileiros que se movimentam com agilidade entre a festa e o santo, entre o sagrado e profano, entre o delírio mundano e o êxtase místico. Religiosidade sem par e muitas vezes sem religião, pelo menos sem uma religião institucionalizada.

O carnaval no Brasil, como é sabido, não se reduz ao desfile das escolas de samba do grupo especial na cidade do Rio de Janeiro; ao contrário, tem múltiplas facetas, fantasias, datas, ritmos e danças que vão do frevo ao maracatu, do pagode ao olodum, da marcha ao samba enredo, do trio elétrico à micareta, dos bailes infantis aos blocos de rua e de embalo, das turmas de foliões ao folião solitário.

No presente texto, no entanto, detenho-me apenas nas escolas de samba e sua relação com o processo de musealização.

Primeiramente, é preciso considerar que as escolas de samba são espaços culturais polivalentes. Ali a cultura brasileira tem raízes: lazer, educação, arte, economia e esporte estão unidos; velhos, adultos, adolescentes e crianças celebram a vida, o aqui e agora, a sobrevivência e a resistência cultural.

Em segundo lugar, é preciso perceber que nas escolas de samba estão presentes os três elementos basilares do pensamento e da prática museológica contemporânea: o lugar social, a comunidade local e o patrimônio cultural.

O lugar social ou território de práticas sociais tem na quadra (terreiro, sede ou pedaço, como se diz na gíria) da escola de samba, onde se realizam ensaios, bailes, espetáculos, jogos, aulas e muito mais, a sua célula mater (ou núcleo atômico). No entanto, o território desterritorializa-se e projeta-se para além da quadra, sobe e desce pelas ladeiras, rampas e escadarias dos morros, anda pelos botequins, biroskas, ruas e casas por onde os sambistas circulam e uma vez por ano inunda o sambódromo, a passarela do samba. A Vila Olímpica, por exemplo, faz parte do território da escola de samba Estação Primeira da Mangueira e tem sido responsável pela presença, no morro, do esporte qualificado e pela geração de atletas olímpicos.

A comunidade é formada diretamente pelos componentes da escola (mais ou menos 3.000 pessoas por desfile) e por outros que vivem dela e para ela. A comunidade é formada por assistas, compositores, tias baianas, músicos, crianças, costureiras, figurinistas, serralheiros, eletricitas, engenheiros, designers, artistas plásticos, cantores, patrocinadores, membros da velha guarda, crianças, adolescentes e mais. As escolas de samba mirins são um exemplo claro da força inventiva e transformadora da comunidade, à medida em que apresenta para as crianças uma alternativa digna, corajosa e criativa, em relação ao caminho do tráfico de drogas. As escolas de samba de crianças operam com a memória social, estimulam a criatividade e a valorização de saberes e fazeres relacionados com a tradição popular.

O patrimônio cultural da escola de samba é a pessoa, a quadra, a música, a tradição, a fantasia, a bandeira, o ritmo, o instrumento, a dança, a experiência, o troféu, o ponto de encontro, a fotografia, a fita, o disco, o vídeo, a casa do amigo, a amizade, o amor e a devoção. O patrimônio é material e espiritual, é móvel e imóvel, é preservado dentro e fora dos sambistas.

Pixinguinha, João da Baiana, Donga, Mestre Fuleiro, Carlos Cachaca, Mestre André, Joãozinho Trinta, Beth Carvalho, Monarco, Jamelão, Alcione, Paulinho da Viola, Martinho da Vila, Dona Zica, Dona Neuma, Cartola e outros são patrimônio, comunidade e território das Escolas de Samba.

Patrimônio, comunidade e território unem-se na avenida e no sambódromo (passarela do samba). O espetáculo do carnaval não existe sem a comunidade local, sem o território como lugar de prática social, sem o patrimônio cultural, sem a memória, sem os compositores, sem os assistentes, sem as baianas e sem o carnavalesco.

Centenas de milhares de pessoas sobrevivem do carnaval das escolas de samba que além de gerar alegria, geram renda, comida e emprego. Ao longo do ano, são produzidos sambas enredo, carros alegóricos, fantasias, adereços de cabeça, coreografias e mais. No período do carnaval todo esse material é levado para a passarela do samba, e apresentado em desfile dionisíaco.

O desfile da escola de samba é uma exposição de curtíssima duração. Ali na passarela do samba um tema é colocado em pauta; a exposição de uma idéia é feita com sons, cores, objetos construídos, indumentárias, músicas, carros alegóricos e mais. Os objetos e a exposição movem-se e o público (platéia), a partir das arquibancadas, se emociona, participa,

canta, dança, vaia e aplaude. É uma lição.

As escolas de samba são uma lição de museologia, de projetos comunitários, de ações educativas e de investimentos na memória. A rigor, as escolas de samba são escolas de memória, de uma memória que não tem encontrado guarida nas instituições museais, salvo algumas experiências isoladas, como as que aqui foram indicadas.

Em 1997, o carnavalesco Joãozinho Trinta colocou a cosmogênese e o Big-Bang na passarela do samba e deu uma lição de emoção, de poesia, de criatividade, de arte e de ciência; em 2001, ele voltou a surpreender e fez um homem voar em pleno desfile da Acadêmicos do Grande Rio. Esse carnavalesco, que se considera um "Cavaleiro do Santo Graal", que há alguns anos entrevistou-se com o Dalai Lama, que já falou do Sol da Meia Noite, que já colocou na avenida um Cristo e um Buda, tem sido um rebelde e tem colaborado para a compreensão das escolas de samba, como Escolas de Vida.

As escolas de samba são processos museais e museológicos que valorizam a auto-estima comunitária e a identidade do grupo social. É preciso reconhecer que, na contramão das tendências miméticas de determinadas instituições de memória, as escolas de samba esbanjam originalidade e oferecem, para quem quer aprender, lições de criatividade, de vida, ou melhor, de promessa de vida que se renova.